IN NUCE

Uma resposta para tudo

Não sou um pai

Sebastian Schmitz

Edição em português

Edição em português

Tradução revista com apoio de IA a partir do original alemão completo. O original alemão continua a ser a referência. As ilustrações originais foram preservadas; a numeração das páginas varia entre edições.

© Sebastian Schmitz · ancient-spirit.de

O ser humano não é a coroa da criação, mas o ser que a reconhece como tal.

A história de um «ditado enfático»

Caros leitores,

permitam-me algumas palavras para apresentar o texto que se segue: «Não sou um pai». As palavras, a construção das frases e a forma de expressão são minhas; a mensagem que transmitem, porém, não é.

Para explicar o que quero dizer, preciso de recuar um pouco no tempo.

Já em criança rejeitava qualquer religião. Só ia à igreja quando era obrigado e, mais tarde, para agradar aos meus pais. Na manhã do meu décimo quarto aniversário deixei de frequentar as aulas de religião, sendo o único aluno de uma escola bastante grande a fazê-lo. Isso quase partiu o coração do meu pai, até porque a direção informou imediatamente os meus pais. Por amor a eles, aceitei conversar com o nosso pároco. Relatar aqui essa conversa ultrapassaria o âmbito destas linhas; por isso, direi apenas:

O pároco aconselhou depois os meus pais a deixarem-me seguir o meu próprio caminho.

Também decidi não receber o crisma. As religiões e os deuses eram-me completamente indiferentes! Hoje, ao olhar para trás, compreendo: não queria acreditar, mas viver a experiência.

Quando terminei a escola, fiz formação em comércio a retalho e ganhei a vida como vendedor em vários setores.

Ainda durante a aprendizagem, divertia-me a vender a completos desconhecidos qualquer «porcaria» de que não precisavam nem queriam. Quase todas as pessoas com quem lidava como vendedor se tornavam minhas clientes. Considerava-me o manipulador perfeito, capaz de vender um frigorífico a um inuíte e uma cama de bronzeamento a uma pessoa negra.

Não tinha escrúpulos: quem entra num concessionário de automóveis não procura uma instituição de caridade. Também o leão devora quem entra na sua toca. Sim, eu era um daqueles vendedores que é melhor não encontrar numa loja.

Mas havia outro lado em mim. Cruzavam-se constantemente comigo pessoas em sofrimento emocional ou em situações aparentemente sem saída. Ajudava-as sempre, muitas vezes sem ter plena consciência disso.

A certa altura reparei também que os recursos adequados surgiam sempre no momento certo: dinheiro, experiência, conhecimentos, palavras, contactos ou o que fosse necessário para poder ajudar.

De um lado estava o vendedor implacável que convencia qualquer pessoa a comprar o que quer que fosse; do outro, alguém incapaz de desviar o olhar quando a aflição alheia se apresentava à sua frente.

Também tinha muito sucesso financeiro: aos vinte e cinco anos já conduzia um BMW 750 iL. Mas não conseguia

conservar aquela prosperidade. O dinheiro escapava-me por entre os dedos tão depressa como o ganhava.

Os anos passaram e o meu bolo de aniversário chegou às trinta velas. Uma tarde dei por mim sentado debaixo de uma árvore, numa clareira, junto ao meu automóvel ostentoso, a perguntar-me qual era o sentido de tudo aquilo.

E então aconteceu: recebi uma «resposta». Não me interpretem mal: nunca ouço «vozes» na cabeça. Trata-se antes de uma forma de linguagem ou expressão baseada em emoções e imagens, em sentimentos e metáforas. Perguntava por que razão era um tão «bom» servo de Mammon, do dinheiro, e ainda assim me preocupava com os outros na altura certa. Porque encontrava sempre pessoas necessitadas? Porque não conseguia simplesmente ficar indiferente? A resposta foi, em essência:

«Essa capacidade de olhar para a alma das pessoas e reconhecer aquilo de que mais precisam, o que realmente as atormenta, vem de mim».

A partir desse dia deixei de querer vender fosse o que fosse a quem quer que fosse. Compreendi que não era nenhum supervendedor: hoje considero profundamente imoral aquela forma de vender.

Reconheço que foi uma experiência espiritual tão intensa que, durante algum tempo, me fez perder o equilíbrio.

Sentia uma vergonha profunda de algumas coisas que tinha feito, e o meu primeiro pensamento foi: tenho de ser

padre. Uma breve pesquisa no Google levou-me a reconsiderar: sete anos de formação sem rendimentos, tudo o que isso implicava e a minha atitude geral perante as religiões. Que deveria fazer, se só sabia vender coisas às pessoas? Perguntei. «Se não queres ser padre, abre um estabelecimento de restauração». «Que faça o quê?». «Sim: um estalajadeiro dedicado também é sempre um bom psicoterapeuta».

Compreendi.

Nos sete anos seguintes geri dois estabelecimentos. As experiências humanas desse período dariam para encher livros.

Dei TUDO, física e psicologicamente. Pouco antes de um colapso total fui «libertado» ao ir à falência. Continuei sem me interessar por religiões até ao nascimento deste texto.

Hoje gosto de partilhar o que sei como consultor de empresas. Já devem imaginar por que me chamam: o negócio não funciona como devia. Mas, quando saio, são as pessoas que encontraram novos caminhos.

E chegou o dia em que o meu pai foi operado ao coração.

Debatia-me comigo mesmo. Deveria dizer alguma coisa? «Pede uma segunda opinião». Na noite anterior à operação não dormi. Duas ou três vezes imaginei-me no carro, a caminho do hospital, para lhe dizer: «Não o faças, por favor, não o faças». Mas não fiz nada disso, porque sentia e confiava que, infelizmente, tinha de ser assim.

Durante muito tempo, o meu pai não recuperou. Passou quase um ano e, sempre que melhorava um pouco e havia motivos para ter esperança, sofria uma recaída grave.

No Natal de 2013, às dezoito horas da véspera, segurava-lhe a mão no hospital, esperando mais uma vez a sua morte iminente, anunciada pelos médicos. Nesse período senti uma dor emocional de uma intensidade que nunca imaginara ser possível sentir e suportar. Como estaria o meu pai a viver tudo aquilo? Era ele quem realmente sofria!

Uma noite estava deitado no sofá, a pensar no meu pai, que lutava pela vida nos cuidados intensivos. Com amargura perguntei; não, EXIGI:

«Diz-me a verdade de toda a existência numa linguagem que eu compreenda. Sem filosofia, sermões morais, floreados ou consolo: apenas a verdade nua!».

Foi assim que nasceu, numa única noite, este texto: «Não sou um pai».

Podem dizer que nasceu de uma aflição emocional: uma confusão de sinapses como válvula de escape para estabilizar o meu estado de espírito. Considerei seriamente essa possibilidade. Por isso procurei na internet ideias ou afirmações semelhantes.

Encontrei correspondências em TODAS as religiões. Por exemplo: «Ego sum, qui sum»; YHWH pode traduzir-se por «Eu sou aquele que sou». Ou «Si vis amari, ama!»: «Se queres ser amado, ama!». Quase todas as afirmações de

Jesus e de Buda se referem a isso. Não falo latim e desconhecia essa ligação.

Até o relato da criação, que naturalmente conhecia em criança e que mais tarde li, tem hoje outro significado para mim. O conhecimento «expulsou-nos» do Paraíso, mas a liberdade é a nossa grande recompensa. Nela cometemos erros, mas aprendemos ao compreendê-los.

Não é por acaso que se chamam os Dez Mandamentos e não as Dez Proibições. «Não matarás». Mas, se o fizeres, vive com as consequências! Deus não te tornou isso impossível: se o tivesse feito, não poderias fazê-lo.

Em criança também nunca compreendi verdadeiramente o «Jesus histórico». Para quê toda aquela conversa sobre um amor tão meloso? Hoje entendo: não posso pedir pessoalmente perdão a todas as pessoas a quem fiz mal, mas posso, a qualquer momento, perdoar aos outros tudo o que me fizeram.

Se todas as pessoas na Terra agissem assim, seria interrompido o ciclo interminável de culpa e vingança: «Se matares o meu irmão, tirarei a vida ao teu». Só assim poderão um dia ser verdadeiramente livres!

Mas para o fazer de verdade, para «abençoar» tudo o que aconteceu e tudo o que existe dentro e à nossa volta, cada um precisa primeiro de o reconhecer e compreender na sua essência. O amor verdadeiro deixa ir e não conhece a ânsia de possuir! Como humanidade, ainda temos um longo caminho pela frente. Mas até o percurso mais longo começou com um pequeno primeiro passo.

Que faço agora com este texto? Antes de mais, disse OBRIGADO! Mas, como se lê no prefácio, «este texto não se destina à humanidade, mas apenas a ti…». Hoje sei que todos têm direito às suas próprias experiências, seja qual for a sua forma e aquilo que se sente ao vivê-las.

Por outras palavras: só quem vive a experiência, em vez de procurar fora de si, acredita no que encontra no fim.

Não somos «medidos» pelos nossos atos, mas pelos motivos que lhes estão subjacentes.

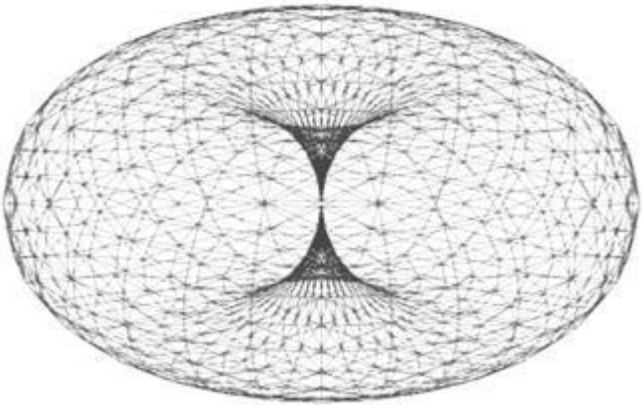
Não ajudo porque isso me dá satisfação pessoal, mas simplesmente porque posso. Transmito o texto como o recebi: um presente para quem o quiser e puder aceitar.

Se, ao lerem as próximas linhas, sentirem que não é assim, que tudo tem de ser completamente diferente, ponham o texto de lado e não se preocupem mais com ele. Não quero convencer ninguém de nada. Que cada um viva as suas experiências e se descubra!

Um abraço, Sebastian Schmitz

«Contemplar a minha criação causa-me uma dor infinita e uma alegria da mesma dimensão».

Não sou um pai



- Ego sum, qui sum. -

Prefácio

Desde o início, as pessoas olham para as estrelas e colocam a pergunta que abrange tudo: «O que sou, onde está a origem de toda a existência e porque é tão amargo o meu mundo?».

Em cada época acreditaram no sobrenatural e, segundo o espírito do seu tempo, criaram diferentes modelos de pensamento para explicar o que o intelecto não conseguia compreender.

Inúmeras religiões foram concebidas e acabaram na irrelevância. Diga-se desde já: nenhuma das religiões que

existiram, se praticam hoje ou estão a surgir proclama a verdade. Oferecem uma perspetiva mitológica do inexplicável. Ainda assim, todas têm a sua razão de ser: nascem e desaparecem no espírito da sua época e nos limites do que se consegue compreender.

Os seres humanos tiveram muito tempo para chegar até aqui. Nunca, em momento algum, intervim ativamente no seu desenvolvimento por um desejo meu.

Há algo acima de tudo: o livre-arbítrio do espírito. É indispensável para compreender de verdade:

Para saberes quem és, primeiro tens de experimentar o que não és.

Entende também assim o texto seguinte. O seu significado é apenas aquilo que quiseres ler nele. Decide por ti o que faz sentido e o que é verdade. Seja feita a tua vontade, não a minha. Estas palavras dirigem-se a ti, não à humanidade, porque perguntaste e queres compreender por que há no mundo tanta crueldade e tanto amor ao mesmo tempo.

A verdade é tão simples que palavras como estas seriam desnecessárias. Mas o teu intelecto tem sede de grandes enigmas e não procura respostas no que é claro e coerente.

Porquê seguir um caminho direito, se os percursos sinuosos oferecem infinitas possibilidades de descoberta e experiência? Só quem se reconhece e compreende verdadeiramente encontra.

«Ninguém vem ao Pai senão por mim», proclamou um homem a quem hoje chamas Jesus.

Tinha razão, porque significa: «Ninguém se torna como eu se não agir, sentir e pensar como eu».

Ele compreendeu: não sou um pai e vocês não são os meus filhos!

A natureza da vida

Tudo o que existe segue a sua natureza intrínseca. Confunde-se muitas vezes isso com finalidade, mas trata-se de uma qualidade fundamental sem intenção.

Tomemos o sol como exemplo.

Na sua superfície e no seu interior ocorrem constantemente processos químicos e físicos complexos. Podes sentir os seus efeitos todos os dias. É uma condição fundamental para a tua existência, para toda a vida. Mas ao próprio sol isso é indiferente. Independentemente da existência e da vida, segue a sua natureza, sem intenção concreta. Se tudo depende dele, é apenas porque o que surgiu depois se adaptou à sua natureza. O sol já lá estava.

Talvez não imagines vida sem sol. Digo-te: é porque não a conheces. Nas profundezas dos teus oceanos, por exemplo, existe vida que nunca viu a luz.

Na mitologia, é uma das primeiras imagens da divindade. Muitas religiões nasceram de um culto solar. Ao perceberem a importância vital da sua existência, as pessoas veneraram e adoraram o sol como uma divindade visível no céu.

Mas de que serve pedir-lhe num dia frio: «Brilha mais e aquece-me, estou a morrer de frio»? Ou, atravessando o deserto: «Menos calor, morro de sede»? Nada acontecerá. Não pode agir de outra forma: segue a sua natureza. Nada sabe da tua aflição, da tua existência ou da Terra, e tudo isso lhe é indiferente.

Imagina agora uma árvore robusta no meio da floresta. Também tem uma natureza e segue-a incondicionalmente. Sem as plantas não poderias existir: produzem o oxigénio e os alimentos de que precisas. Mas à árvore, à floresta e a toda a vida vegetal isso é indiferente. Usas esses seres por uma única razão: existem e surgiram antes de ti.

O mesmo vale para vírus, bactérias, insetos e animais. Todos seguem a sua natureza. Yersinia pestis mata uma pessoa em poucos dias, embora não seja essa a sua intenção: acaba por morrer no cadáver do hospedeiro. Age segundo a sua natureza.

É insensato querer acariciar um leão selvagem e depois queixar-se de ser devorado.

A natureza de todas as coisas e a ordem em que surgiram dependem umas das outras numa relação cronológica. Mas, consideradas isoladamente, não têm uma finalidade atribuída.

Não ter intenção significa não conhecer culpa. Quando um tsunami devasta costas densamente povoadas e mata centenas de milhares de pessoas, acontece porque a Terra segue a sua natureza. Essas pessoas morrem por uma única razão: estavam lá.

Compreender a natureza das coisas na sua dependência cronológica é importante porque só assim podes compreender a minha natureza. Quando ocorrem catástrofes naturais, pandemias, fomes, sofrimento e miséria, atribuem-me frequentemente a culpa. «O castigo de Deus caiu sobre nós»: ouço-o desde o início dos tempos. Na verdade, tudo o que acontece tem fundamento na natureza das coisas.

A natureza intrínseca significa, no essencial, vida livre sem finalidade ou destino concreto. Enganas-te se pensas que o sol é uma estrela morta onde apenas decorrem processos físicos e químicos. Tudo o que os teus sentidos possam captar, de qualquer forma, já é «vida».

Tudo o que é novo utiliza o que já existe: uma sequência cronológica infinita das possibilidades oferecidas por uma natureza preexistente.

O pássaro só come a minhoca porque ela está ali.

A minha natureza

Se ter natureza significa vida e eu tenho uma, então vivo? Sim! Sou a própria vida, absolutamente real e incriada, como o universo, que não conhece princípio nem fim.

A minha natureza descreve-se numa palavra: amor. Mas a história envolveu essa palavra em profundos mal-entendidos. Por isso, substitui no teu pensamento «amor divino» por compreensão absoluta e «amor humano» por desejo.

Borboletas no estômago, saudade, emoções intensas, paixão. Mas, assim que acreditas ter encontrado a felicidade, receias perdê-la. Podem seguir-se ciúme, dependência, conflito e perda. Vês? Não é isso que entendo por amor.

Sou absolutamente real e a minha natureza é amor sem condições, fundamentado na compreensão de tudo através da experiência vivida.

Nesse sentido, sou tudo o que existe.

A experiência é necessária para compreender. Já vivi tudo e, por isso, sou tudo o que é: a própria vida.

Leste que é inútil pedir a um ser que mude a sua natureza em teu benefício. O sol continua a ser o que é, por muito que o adores ou supliques. Faz sentido, então, rezar-me? A resposta sincera é sim e não. Há diferença entre falares comigo «no amor» e «por amor».

Não me interpretes mal: nunca julgo um pedido. Agir POR amor costuma esconder um motivo pessoal que não foi compreendido; agir NO amor baseia-se sempre na compreensão.

Se tens frio, não farei o sol aquecer-te mais: isso contrariaria a sua natureza. Satisfazer esse desejo teria consequências devastadoras. Tudo o que surgiu depois do sol segue a sua própria natureza em relação a ele. Essa interdependência cronológica seria perturbada, colocando imediatamente em perigo a vida na Terra. No fim, aquele breve presente de calor não te serviria de nada.

Não te preocupes: tenho uma natureza, mas sou espírito.

Para te satisfazeres, podes pedir-me que o sol te aqueça mais, e nada acontecerá. No amor, porém, poderias pedir para não morrer de frio. Então poderei chamar a tua atenção para o café bem aquecido que fica do outro lado da rua, na diagonal, e que não viste por estares a tremer tanto.

Se tivesses compreendido, ter-te-ias agasalhado e essa aflição não teria surgido.

É, portanto, inútil invocar-me quando procuras algo contrário à natureza de outro ser. Tudo o que surge segue sempre o que já existe.

A tua existência não depende de mim. Não tens de me agradecer.

Mas compreender-me plenamente e conhecer a natureza de todas as coisas contém o maior presente que podes oferecer a ti mesmo. Voltaremos a esse assunto.

A natureza humana

Como ser humano, estás quase no fim de uma longuíssima sequência cronológica da criação. Foi preciso acontecer muitíssimo para chegares a existir. Medido em tempo terrestre, durante mais de vinte mil milhões de anos surgiu na tua galáxia um ser após outro, cada um a partir do que já existia.

Apesar da sua dimensão, esse nascer e desaparecer não implicou esforço penoso. A vida nasce sempre no amor, de si mesma.

Na essência, a tua natureza é como a de tudo o que existe. Sem finalidade ou intenção? Não no teu caso! Nos livros lês que «Deus criou o ser humano à sua imagem». É verdade, mas refere-se ao meu espírito. Tens uma natureza, mas és espírito: nisso somos iguais. Só difere o grau de compreensão.

Imagina o seguinte:

Vives num prado sempre verde, rodeado de plantas e animais mansos que te alimentam. A água limpa corre em abundância ilimitada. Para sobreviver basta estenderes a mão e tirares o que precisas. Estás no jardim do Éden. Pergunta-te: em que te tornarias ali, sem qualquer desafio? Com o tempo, numa pessoa profundamente aborrecida!

A tua natureza é viver, mas o teu espírito tem sede de experiências e o teu intelecto de conhecimento e compreensão.

Um dia, frustrado, partirias para além do horizonte, para descobrir que cada lugar novo era igual ao que sempre conheceste. Passarias décadas a procurar no jardim até compreenderes:

Um espaço absolutamente perfeito, disposto apenas para a tua existência, retira-te qualquer decisão com sentido. Uma escolha sem sentido não traz novas experiências nem compreensão.

Reconheces que explorar a tua natureza, viver toda a diversidade da vida com o espírito desperto e criar coisas novas segundo a tua natureza exige mais do que perfeição.

A consciência de ti marcou o início do teu ser.

Eras como o UNO que é TUDO e, por isso, não sabe O QUE é: como o mar que não conhece cada gota ou a luz que não conhece a escuridão.

Refiro-me tanto ao sentido espiritual como ao terreno. No dia em que nasceste, nada tinha ainda para ti significado ou nome.

Para te experimentares, precisas de distinguir as naturezas individuais no conjunto da existência. Por outras palavras, vives a tua própria limitação como um enriquecimento dentro da matéria: a tua realidade.

É perfeito o mundo, com a interação de elementos, estrelas e planetas? Certamente leste que Deus é omnisciente e omnipotente. Um mundo criado por mim deveria, então, encarnar a própria medida da perfeição.

Se fosse perfeito, nem conhecerias essa palavra, muito menos o seu significado.

O caos é o início de toda a existência. Nada do que surgiu é perfeito: está sempre adaptado da melhor forma possível.

Lembras-te da interdependência cronológica de todos os seres? Tudo o que é novo utiliza o que já existe. Também tu és uma adaptação ótima numa longuíssima sucessão de seres.

Já caminhaste numa floresta intocada? Por todo o lado, em todas as direções, as coisas nascem e desaparecem. Nenhum caminho, ângulo ou círculo perturba a harmonia

desse caos. Sentes-te livre e respiras fundo. Deixa, portanto, de ralhar com as crianças por fazerem desordem: seguem a sua natureza.

Então, o que é a «natureza humana»?

Primeiro reconheces-te no corpo. Como imaginas, está adaptado de forma ótima à realidade envolvente. Os sentidos permitem orientar-te no espaço. Um físico chamar-lhe-ia uma máquina térmica; os alimentos são o combustível.

Depois há o intelecto. Explora constantemente o teu ser e tudo o que está dentro, contigo e à tua volta. Nada o desafia mais do que um enigma ainda por compreender.

O que menos notas é o espírito, a que também podes chamar alma. Tem sede de experiências, e apenas de experiências. Não lhe importa se as consideras boas ou más: conta a intensidade.

O teu espírito não julga: experimenta-se.

Quando nasceste já eras um ser: corpo, intelecto e espírito em conjunto. Cada experiência nova mudou a tua perceção; cada compreensão desenvolveu o intelecto. A soma de ambas amplia continuamente a tua consciência das ligações entre TODAS as coisas. Assim reconheces o núcleo da existência.

O fogo aquece-te, mas, se ignorares a sua natureza, queimará a tua casa.

Para viver precisas de respirar, comer, beber, dormir, ir à casa de banho e deslocar-te, como todas as outras

pessoas. Mas a forma como o fazes e o que sentes depende inteiramente de ti.

Na tua natureza, em cada novo instante, és a soma de tudo o que viveste e de como o compreendeste.

A tua «natureza humana» é, portanto:

Aquilo que és agora, neste e em cada novo momento, considerando o conjunto do teu desenvolvimento.

A natureza do coletivo

O coletivo é a essência primordial de toda a existência.

Ao observar uma galáxia, vês uma quantidade quase incontável de corpos celestes. Está sempre em movimento. Tudo o que nela existe interage e depende constantemente de tudo o resto. Como sabes, o novo segue o que já existe.

Compara-a agora com uma mosca. Quanto coletivo existe nela? Como corpo, é um ser a que dás um nome. Tem olhos, asas, patas e assim por diante. Só a interação de todos esses pormenores a torna aquilo que é.

Pensa agora numa escala muito menor.

Em termos materiais, qual é o coletivo de que surgiu? Em que difere da galáxia?

Apenas na disposição dos componentes mais pequenos do que conheces como matéria. São tudo em si mesmos, a origem de cada ser. Formam sempre um coletivo: um ser com natureza própria.

Assim, tudo o que existe é formado por tudo o resto, em dependência e interação constantes.

Visto assim, não estou contigo: tu estás em mim e és feito de mim.

A natureza do coletivo: a humanidade

Chegamos à pergunta que mais te diz respeito: porque é o teu mundo como o conheces?

Recorda: tenho uma natureza, mas sou espírito. Nisso somos iguais.

Imagina a Terra sem seres humanos. Como seria? Não deve ser difícil: na história do mundo, os humanos chegaram ontem. Sabes pelas aulas de geografia como era o mundo antes de vocês.

A minha natureza é amor incondicional. Nesse amor criei tudo o que existe, deixando-o surgir de si mesmo.

A única diferença entre nós é o grau de compreensão de TUDO. Nesse sentido criei-te no amor: completamente nu, livre de tudo o que agora há em ti, para poderes moldar e experimentar o que te acompanha e, pela experiência, compreender o que realmente és.

Para esclarecer por que o teu mundo é assim, distingamos a tua criação da minha. Também como criadores somos iguais. Mas eu crio sempre no amor; tu, quase sempre por amor.

Não vejas nisso uma censura, mas a condição que te permite experimentar-te.

O que quero dizer? Vou explicá-lo através da natureza de algo que influenciou profundamente o teu mundo e a ti: o dinheiro.

Primeiro, como surgiu essa tua criação, o dinheiro?

Quando deixaram de percorrer os continentes, por considerarem demasiado trabalhosas a caça e a recolha, as pessoas fixaram-se, construíram habitações permanentes e cultivaram a terra.

Logo perceberam que os campos produziam mais do que podiam comer. Ninguém queria viver para sempre apenas do seu pão e dos seus frutos, por isso trocaram o que tinham por aquilo que desejavam.

Para terminar as discussões intermináveis sobre valores - «Quantos ovos me dás por uma galinha?» - , precisavam de um valor intermédio fixo e independente, representado por um objeto que pudesse trocar-se por qualquer coisa. Nasceu o dinheiro: uma nova natureza.

Conchas, contas de vidro, ouro, moedas ou papel: inicialmente a forma era indiferente. Era uma ideia excelente, fácil de transportar e conservar. Quem tinha o suficiente já não precisava de cultivar: pagava a alguém para o fazer.

E aconteceu: o dinheiro mudou de natureza. Concebido para trocar bens, tornou-se objeto de desejo por si próprio. Porque trabalharia alguém o campo de outro a troco de dinheiro, se assim não fosse?

Poucos compreenderam rapidamente essa nova natureza. Depressa alguns o acumularam até ao teto.

A maioria não compreendia: apenas queria possuí-lo. Uns poucos ficaram imensamente ricos; as suas casas tornaram-se fortalezas e depois palácios.

O dinheiro governa o mundo. Quem o possui em abundância domina os outros, cujos nomes ninguém conhece. O caçador e viajante outrora livre tornou-se servo dos senhores. Como pode sair cara a comodidade do dinheiro!

Qual é hoje a sua natureza essencial?

Objetivamente, tem as características de uma droga: é barato de produzir e fácil de obter. O uso cria dependência e faz querer cada vez mais. No teu mundo tornaste-te inteiramente dependente do dinheiro.

Não é coincidência. Os primeiros a compreender a nova natureza do dinheiro fizeram dele deliberadamente aquilo que é.

Sabias que hoje todo o dinheiro existente se baseia em dívida? Sempre que alguém pede emprestado, cria-se dinheiro novo, apenas por causa dos juros e dos juros compostos. Hoje praticamente se cria sozinho, sem ti! Quanto mais existe, mais tens de te dobrar em benefício de poucos. Até vendes a tua própria natureza por dinheiro.

Primeiro usas com alegria todas as coisas novas; pouco depois, elas dominam-te. Não usas roupa por não teres pelo: não tens pelo porque usas roupa. Tudo interage constantemente com tudo, como sabes.

És o criador do teu mundo; deves moldar a matéria como desejas. Mas olha para esse mundo, para os teus semelhantes e para os animais de criação. Em que os transformou a natureza do dinheiro?

Sai de casa. Por muito que procures, quase nada encontrarás que tenha surgido no amor. Por todo o lado há coisas feitas por amor: pelo amor ao dinheiro!

Agora sabes porque o teu mundo tantas vezes é como não gostarias.

Tudo está ligado a tudo e em interação constante: assim te experimentas.

Da próxima vez que te atormentar um trabalho sem sentido para outros e pensares «Isto não sou eu. É só isto?», terás razão e alcançado uma compreensão decisiva!

Compreendeste: para saber quem se é, primeiro é preciso experimentar o que não se é.

O sentido da tua existência

Se disseres «Não, não sou assim. Não criei este mundo; o meu seria completamente diferente», respondo: essa compreensão existe no teu espírito porque já fizeste, viveste e compreendeste tudo isso inúmeras vezes.

Em geral, considera que tudo o que entendes na essência com a consciência, compreendes com o intelecto e consegues sentir plenamente nas relações e em TODO o teu mundo já o experimentaste inúmeras vezes. Ignoras

constantemente a natureza de outros seres. Cada conflito, cada guerra e tudo o que chamas mau acontece por um motivo: a tua falta de compreensão e as suas consequências. Ao experimentares, aprendes a compreender.

O conhecimento isolado nada significa para ti. Só uma experiência vivida e plenamente compreendida permite conhecer por inteiro a natureza de um ser.

Imagina que um indígena da Amazónia te pergunta o que é neve e tentas explicar-lhe.

Podes usar mil palavras, descrever a consistência, o frio e cada pormenor imaginável. Por muito que te esforces, ele nem começará a compreender a natureza da neve.

Mesmo que lhe pusesses neve nas mãos, continuaria sem a compreender por completo.

No fim, só te restaria enviá-lo às montanhas no inverno.

Ou um menino pergunta ao pai: «O que é um orgasmo?». Ris-te? As crianças são assim. Ouviu a palavra na escola. Que há de o pai responder? Tu sabes!

Na tua realidade vives na dualidade. Tudo tem um oposto e defines cada existência por esse contraste.

Como conhecerias o frio sem o calor? Não há alto sem baixo, em cima sem em baixo, alegria sem tristeza, felicidade sem dor, luz sem escuridão, bem sem mal.

A amplitude de cada um depende das tuas experiências. Um indígena africano entende o frio de modo diferente de um inuíte no Polo Norte.

Também há dualidade no mundo espiritual. No essencial, podes sentir de duas formas: amor e medo. Cada sentimento imaginável assenta num desses lados.

A tristeza baseia-se no medo; a alegria, no amor. Também aqui, a amplitude do que sentes em cada lado depende da tua experiência.

O mesmo se aplica aos atos. O conflito nasce do medo; a compreensão, do amor. Agarrar-se nasce do medo; deixar ir, do amor. Dominar nasce do medo; orientar, do amor. O desejo de posse nasce do medo; partilhar, do amor.

Sabes que forma de agir não precisa de se tornar realidade.

Agora quero mostrar-te a minha perspetiva. Podes fazê-la tua.

Vejo e sinto sempre tudo tal como é, sem dualidade.

Pergunta-te: a escuridão existe realmente? É real? Afinal, de noite ou quando apagas a luz fica escuro. Não: a escuridão não é real e, por isso, é irrelevante para mim. É apenas ausência de luz. Podes medir a luz, mas não a escuridão. O mal é real? Não: representa apenas a ausência do bem.

O frio é real? A -273,15 °C nada arrefece mais: todas as moléculas pararam. O calor é vibração, e tudo o que se

mede acima desse zero é calor. A tristeza é ausência de alegria.

Tudo é sempre exatamente o que é: a sua natureza. Só a falta de compreensão precisa de comparar.

Se queres avançar muito mais depressa no caminho para o divino, compreende tudo, sobretudo pessoas e animais, tal como é na sua natureza, não como desejarias. Por outras palavras: deixa de te zangar, seja com quem for ou pelo que for! Agora conheces a causa da frustração: a tua incompreensão. Em vez disso, sente curiosidade e compreende.

Sobretudo não te compares com os outros. Que alguém tenha mais ou menos do que tu, siga outra religião ou crença, seja heterossexual, gay, lésbica ou outra coisa; seja qual for a língua, cor de pele, beleza, cheiro, inteligência ou estupidez: nada disso te deve inquietar.

Seja como for que alguém se apresente ou cruze o teu caminho, reconhece e compreende a sua natureza, e tu a tua.

Aliás, todos os seres humanos da Terra são literalmente parentes. Surgiram da mesma célula primordial: são irmãos e irmãs do mesmo sangue.

Conheces o ditado «Cada um colhe o que semeia» ou a ideia de justiça que restabelece o equilíbrio? Deveria tocar-te especialmente o coração.

Todo o mal que faças a outro ser, seja qual for, deliberadamente ou por engano, direta ou indiretamente, ao agir contra a sua natureza, tornar-se-á também

experiência tua nos seus efeitos se não reconheceres plenamente as consequências, não as compreenderes e não as sentires emocionalmente.

Não para te castigar, mas para compreenderes através da tua própria experiência.

Não foi uma ideia minha: desde o início foi o teu desejo e a tua vontade expressa.

Querias conhecer tudo, cada coisa e cada existência. Embora assistir me doa muitas vezes profundamente, assim será: prometi, porque te amo!

Se, por exemplo, insultas e desprezas constantemente os «preguiçosos desempregados e parasitas», então… já sabes. Não quero assustar-te, apenas incentivar um pouco mais de sensibilidade.

Poderias dizer:

«Para quê tudo isto? Diz que é tudo o que existe, que sabe e pode tudo, que é omnipotente. Que me dê o seu poder divino e eu organizarei as coisas como quiser».

Compreendo a objeção. Mas perdoa a comparação: não te quero ofender.

Se te desse o meu poder divino e te confiasse toda a existência, seria como pôr um chimpanzé ao volante de um Lamborghini numa zona pedonal cheia de gente e ensinar-lhe a rodar a chave e a engatar uma mudança.

Acredita: numa fração minúscula de segundo destruirias a ti mesmo e o universo inteiro. Não deverias ter de viver as

consequências dessa experiência. Amo-te demasiado para isso!

Já o suspeitas, como sempre suspeitaste: uma vida terrena nunca bastaria para compreender plenamente todos os seres e tudo o que existe. Por isso não tens apenas esta vida.

És um espírito antiquíssimo num ser que surge sempre de novo. Assim experimentas a ti, a tua existência, cada ser e todas as suas relações. Nesse caminho, cada um acaba, à sua maneira, por se tornar inteiramente como eu.

Esse foi o teu desejo. Assim te criei, à minha imagem, e essa é a razão da existência que escolheste.

Sofrer sem ter intervindo?

Leste que todo o mal, todas as guerras e o sofrimento que delas resulta nascem da incompreensão da natureza de um ser. Dito sem rodeios: são produzidos por ti e pelos teus semelhantes.

Mas e o sofrimento que não se explica imediatamente pela tua incompreensão? Porque morrem crianças? Porque nascem pessoas com deficiências nos membros ou nos sentidos? Porque existem doença e morte?

Antes de mais, tens de distinguir cuidadosamente os diferentes casos.

Pensa no escândalo da talidomida, no início dos anos sessenta. O medicamento, conhecido como Contergan, também foi dado a grávidas, com consequências

desastrosas: os filhos nasceram com malformações nos membros. Esse sofrimento nasceu da incompreensão: a natureza do princípio ativo contrariava a do corpo em formação.

Algo semelhante pode acontecer se a mãe fumar durante a gravidez, beber álcool, comer alimentos inadequados, em excesso ou em quantidade insuficiente, ou recorrer a um aborto. Também o homem contribui: a qualidade dos espermatozoides está diretamente ligada ao modo de vida. O ser humano em formação pode ficar tão debilitado que a criança venha a morrer.

Influências externas, sem intervenção direta da pessoa, como uma exposição elevada a substâncias tóxicas através da poluição, também podem produzir efeitos semelhantes.

Uma quantidade desproporcionada de doenças, e do sofrimento e morte que causam em qualquer idade, resulta de ignorar a natureza dos seres com o avanço da industrialização e as mudanças de vida que daí decorrem.

Simplificando: estás a envenenar-te cada vez mais!

Todo o sofrimento e morte descritos são causados direta ou indiretamente por ti e pelos teus semelhantes ao ignorarem a natureza de um ser, geralmente por incompreensão.

Houve um tempo em que as pessoas morriam dolorosamente de peste, até compreenderem a causa e conseguirem curá-la. Um dia acontecerá o mesmo com todas as doenças.

Com razão perguntas porque existe Yersinia pestis. Porque tudo o que existe tem uma razão de ser: uma função específica decorrente da interdependência cronológica. Uma abelha pode picar-te, mas sem abelhas quase não haveria frutos saborosos e a reprodução vegetal seria muito menor.

Já mencionei o próximo aspeto: o sofrimento que causares tornar-se-á também experiência tua nos seus efeitos. Só assim, com compreensão total, deixará um dia de existir sofrimento na Terra.

Como consolo: o mesmo se aplica à alegria e felicidade que dás a outros seres. Tudo volta a ti.

O menos frequente é um espírito desejar deliberadamente nascer num ser profundamente imperfeito, por exemplo, para experimentar viver com uma deficiência e depender de ajuda.

Pelo mesmo motivo, durante uma vida o espírito pode atrair deliberadamente qualquer doença para o corpo, para a experimentar ou alertar-te a tempo para comportamentos extremamente prejudiciais, como fumar, beber ou fazer pouco exercício.

Há também o fenómeno do sacrifício. Um espírito ajuda outro a viver uma experiência segundo o seu desejo ou caminho. Uma criança pode morrer porque o espírito da mãe ou do pai «queria» viver uma perda dolorosa para compreender o valor da vida através dessa experiência.

Tudo isto pode acontecer ao longo de gerações, em qualquer combinação, variante, relação mútua e direção imaginável.

Aquilo a que chamarias uma morte normal de velhice acontece quase sempre porque o espírito atingiu o maior grau de experiência e compreensão possível no ser que está a morrer.

O espírito deseja continuar a experimentar-se mais profundamente e depressa se encontra num novo ser. Começou o teu próximo ciclo de vida.

Conheces a cena: mostras orgulhoso o teu telemóvel novo ao avô e ele diz: «Deixa-me em paz com essas modernices, não preciso delas!». É exatamente isso que quero dizer.

Ouço-te dizer: «Isto é terrível, horrível e insuportável! Como podes permitir tanto sofrimento?».

E digo:

«Para e olha à tua volta, viajante apressado. Estás onde sempre quiseste estar: numa vida em liberdade!».

A sério: a responsabilidade pelo teu sofrimento é tua, não minha. Lembra-te de que tens uma natureza, mas és espírito. «Apenas» te experimentas através dessa natureza.

Não te preocupes. A tua experiência e compreensão já estão avançadas; caso contrário, terias abandonado este texto muito antes de chegar aqui.

Fizeste a pergunta decisiva: porque é assim o meu mundo? Porque não pode ser diferente? Isso demonstra que sentes pelos outros e compreendes o que vivem. Tudo assenta nas tuas próprias experiências e na compreensão que trouxeram.

Percorreste um longo caminho. A partir de agora observarás tudo o que está dentro, contigo e à tua volta, para que o mundo possa tornar-se o lugar que mais desejas.

As religiões

Sempre «falei» com as pessoas quando foi possível e desejado.

Não penses que as escolhi arbitrariamente: «Com esta falo, com aquela não». Não receberes nada não significa que ninguém esteja a transmitir. Importa sintonizar a frequência certa.

No teu caso, conta a amplitude da consciência: o desenvolvimento global do teu ser, a empatia e a soma do que viveste, experimentaste, reconheceste e compreendeste. Naturalmente, o teu consentimento também é indispensável.

Para as pessoas existe, de início, apenas uma verdade que cada uma aceita como válida: a sua.

Tal como podes embater dez vezes numa parede antes de veres a porta, podes acreditar no que quiseres. Só posso partilhar a minha verdade com quem deixa de me contar a sua e faz perguntas sem já dar as respostas.

Muitos com quem falei quiseram depois ajudar outros no seu caminho e limitar o sofrimento explicando as relações entre as coisas. Agora sabes como é difícil: lembra-te da neve.

Assim surgiram, por exemplo, os Dez Mandamentos. Ignorar a natureza de um ser tornou-se «pecado»; o desejo ou a tentação tornou-se «o diabo». Ou recorda: «Não estou contigo; és feito de mim e estás em mim». Assim me tornei o Pai.

A natureza do álcool contraria a tua de várias maneiras. Conheces religiões que proíbem o seu consumo.

O mesmo se passa com a carne: sem refrigeração estraga-se demasiado depressa, pelo que são necessárias regras.

No deserto, sem água para lavar e com quarenta graus à sombra, um prepúcio pode tornar-se muito malcheiroso; por isso seria preferível estar circuncidado.

Também não podiam dizer simplesmente: «Falo com Deus». É preciso muita coragem. Assim surgiu uma sarça ardente de onde, supostamente, eu falava.

Um daqueles com quem falei, a quem hoje chamas Jesus, tentou de tudo. Nas suas palavras, adequadas à época, procurou explicar as razões do sofrimento. Mas a maioria continuou sem compreender. A sua coragem era absoluta: confiava verdadeiramente em mim por inteiro.

As religiões também são criações vossas, com naturezas que se adaptam ao espírito do tempo. Pelo exemplo do

dinheiro já sabes no que se podem transformar. Muito do esplendor eclesiástico nasceu do amor ao poder.

«Se os mantiveres ignorantes, nós torná-los-emos pobres», disse uma vez um rei ao seu papa.

Muitos reconhecem a verdade e ainda assim dizem falsidades por medo de perder riqueza, influência e privilégios. Que faria aquele «traseiro bem alimentado» sem a sua almofada macia?

Se só escutas os ensinamentos alheios, és como um relógio que apenas sabe as horas através de outro relógio.

Quem é mais tolo: o tolo ou quem o segue?

Acredita: se quisesse que seguisses uma religião concreta, só existiria uma, a minha!

Porque não veem as pessoas a verdade?

Imagina um quarto mobilado ao teu gosto. Sentes-te seguro e protegido, dormes profundamente. O teu mundo está em ordem.

Um dia descobres uma aranha mortalmente venenosa que partilha o quarto contigo, precisamente quando desaparece debaixo da cama. Desde então, cada comichão, arranhão ou ruído mínimo te leva ao pânico. Quem dera nunca a tivesses visto!

É assim a verdade na tua realidade. Muitas vezes é insuportável e, por isso, não a procuras: o teu mundo tem de continuar em ordem. Só assim, pensas, consegues

tomar decisões serenas, ponderadas e racionais todos os dias.

Na realidade organizas a vida em torno do medo. No pânico, não pensas que a aranha sempre esteve no quarto, «ameaçando» uma vida que continuou até hoje. Porque não relaxas e deixas a aranha ser aranha? Não consegues, porque o medo te domina.

Imagina que pedes ajuda: «Há uma aranha venenosa no meu quarto, apanhem-na!». Ninguém acredita. «De onde surgiria de repente uma aranha venenosa? Que disparate!». Tentam convencer-te, pois o mundo deles também tem de continuar em ordem.

Se não renuncias à tua verdade, declaram-te louco. O que não deve existir não pode existir! O mundo deles é belo e assim deve permanecer.

O que agrada às pessoas determina o que admitem como verdade. Vivem como crianças num mundo tranquilizador que imaginaram.

Mas aquilo que te tranquiliza é tudo o que consegues enfrentar com segurança, porque compreendes a sua natureza e as relações que dela resultam.

Quem quiser ver e experimentar a verdade deve primeiro investigar a causa do seu próprio medo.

Para terminar

Este texto não procura explicar tudo. Tal explicação não caberia em livro algum: chegaria ao céu, muito para além da lua. Nenhuma pessoa teria tempo para a ler.

Se agora queres fazer mil perguntas, tem uma certeza:

«Não te ajudarei sem me pedires, porque só o teu pedido o permite: de mim recebeste o livre-arbítrio».

«Não esperes, portanto, receber tudo o que desejas. Confia antes que te ajudarei quando mo pedires».

Reverás, no momento certo, todos aqueles de quem sentes dolorosamente a falta. Então compreenderás TUDO.

Quase me esquecia: o maior presente que podes oferecer a ti mesmo é aquilo a que chamas paz.

A minha natureza é amor e o meu espírito é a própria vida. Nesse sentido amo-te incondicionalmente, agora e para sempre!

Sou, para ti, aquilo que o teu coração desejar:

Deus, Alá, Yahweh, Jeová, Manitu, Zeus, XXXXX e, finalmente, se quiseres, também o teu pai.

UMA VEZ PERGUNTEI A DEUS:

«PORQUE SOU DIGNO DE FALAR CONTIGO?».

E RECEBI ESTA RESPOSTA:

«PORQUE NADA É MENOR DO QUE A SUA ORIGEM!».

Carta de Natal ao meu pai, gravemente doente

Querido pai,

este é o quadragésimo segundo Natal que posso celebrar contigo. Admito que mal me lembro dos primeiros dez. Mas a maioria permanece viva na memória, porque cada um foi especial à sua maneira.

Levei muito tempo a compreender o verdadeiro significado do Natal. Sabes que vejo as coisas de outra perspetiva.

A pressão para consumir e a simpatia artificial desta época sempre me incomodaram. Estar alegre e feliz como se se carregasse num botão nunca foi para mim.

No Natal celebramos o nascimento de Jesus Cristo e, em sua memória, alegramos com presentes os corações daqueles que amamos.

Jesus deixou-nos uma mensagem. Queria que tudo o que fazia nos ajudasse a compreender o amor de Deus por nós. Mesmo na hora da morte, rezou: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem». Mas nós, humanos, geralmente só compreendemos o que vivemos pessoalmente.

Também tu, querido pai, nasceste um dia. A cada novo dia cresciam desejos e sonhos que preenchiam a tua vida. Conheceste a mãe, apaixonaram-se e nesse amor conceberam-me a mim, ao meu irmão e à minha irmã.

Apesar das alegrias, também te causámos muitas tristezas, dores e preocupações. Abdicaste de desejos e sonhos por nós, mas o teu amor nunca vacilou.

Sempre foste o meu exemplo: forte, inteligente, bem-humorado, bem-sucedido, paciente e sabedor de tudo. Comparava-me contigo e queria ser como tu. Mas não sou, porque tu és o meu pai e eu sou o teu filho.

Vivi intensamente e depressa. Tudo o que fiz e experimentei, os altos e baixos, cada emoção, provavelmente preencheria oitenta anos. Foi possível porque sabia:

Se me perdesse, tu amparar-me-ias, porque me amas.

Em cada Natal perguntavas o que eu desejava e realizavas esse desejo. Este ano só quero uma coisa: que recuperes e me deixes continuar a ser o que tanto gosto de ser, o teu filho.

Amas-me sem condições, e eu amo-te da mesma maneira.

Um dia chegará o momento: voltarás a casa e eu ficarei sozinho. Aceitarei essa dor sabendo que me esperas lá, porque serei sempre o teu filho.

Mas, pelo menos, não este ano nem no próximo. Agora quero ser o que sempre foste para mim: um porto seguro, um farol que orienta na escuridão!

Amas-nos como somos, sem condições nem reservas, com todos os erros e fraquezas, simplesmente porque somos teus filhos.

Hoje compreendo: é assim que Deus ama a sua criação. É um porto seguro, e esse é o verdadeiro coração do Natal.

Uma festa de amor incondicional, uma recordação da luz eterna!

Com todo o meu amor e desejando-te um feliz Natal,

o teu filho

EM CRIANÇA QUERIA CRESCER E TORNAR-ME INDEPENDENTE O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL.

HOJE GOSTAVA DE VOLTAR A SER JOVEM E LIVRE.

O testamento de Jesus

O pastor protege o rebanho apenas porque lhe fornece o pão de cada dia. Na segurança que oferece, as ovelhas dão a lã em cativeiro. Se uma foge, o cão corre atrás dela e obriga-a a voltar.

Assim continua até uma ovelha ficar demasiado fraca para acompanhar as outras. Nessa mesma noite será abatida.

Do mesmo modo, cada rei protege o povo. O povo alimenta-o e dá-lhe liberdade para fazer o que quiser. Ele coloca-se acima e os outros confundem o seu grande poder com glória.

Há sempre pessoas obedientes que querem brilhar no seu esplendor. Mas a coroa adorna outra cabeça, e sabem que dela depende cada privilégio. Nunca faltam executores diligentes do poder. Todos pagam o dízimo para sustentar a magnificência real.

Vivem para benefício de um único homem, unidos na servidão e no cativeiro.

Quando a idade ou a doença os impede de ganhar o pão, não encontram misericórdia. Na hora da fraqueza, todos mostram o verdadeiro rosto. Têm de viver humilhados, mendigando entre outros com o mesmo destino que ainda os desprezam pela pobreza.

Pedem-me que pegue na espada e mate os tiranos. Falei durante tantas luas, mas quase ninguém compreendeu o cerne das minhas palavras. Continuam reféns do medo!

Repito: não passem os dias preocupados com a comida ou a roupa de amanhã. Cuidem antes do próximo mais chegado, para que tenha o necessário ao seu bem-estar.

Assim o vosso exemplo torna-se luz para o mundo.

Com o tempo outros compreenderão e seguirão o exemplo. Entre uma dúzia de pessoas haverá alguém que traga o vosso bem-estar no coração. Nunca mais terão de se angustiar pelo pão de cada dia: todos trabalharão com

alegria e gosto no que fazem. Ninguém terá de servir um governante ou os gananciosos e injustos!

Sim, sei que o preço é alto e o sacrifício grande para os primeiros a viver estas palavras. O rei e os seus fiéis são fortes. Agarrar-se-ão ao poder, sem querer perder nada, sobretudo as suas almofadas macias.

Por minha vontade digo: se alguém me bater numa face para me obrigar a renunciar ao que sou no coração, oferecerei também a outra, mesmo que me torture ou mate!

Aceito de bom grado esse sacrifício, pois sei que um dia compreenderão as minhas palavras. Vi o reino do meu Pai no céu e a luz brilhante que, tal como em mim, arde para sempre em cada um.

Enquanto as pessoas amarem o esplendor acima de tudo, haverá quem deturpe as minhas palavras para que outras não reconheçam a luz interior e permaneçam dependentes na escuridão, ao serviço do poder terreno.

Sê crítico com quem te elogia, valoriza quem te critica e ama sinceramente quem te acolhe no coração tal como és.

Quando se reunirem em nome do Pai para rezar com ele, evitem palavras vazias. Belos discursos e cerimónias em palácios magníficos nada alcançam por si. A sua luz ilumina todos, justos e injustos. O seu coração é incorruptível em todos os sentidos.

A origem do pecado está na intenção, não no ato em si. Pela intenção cada pessoa determina o seu destino!

Quando rezarem juntos, apresentem-se como ele vos enviou ao mundo:

Livres de medo, nus, sem vergonha nem adornos. Sobretudo:

Não levem desejos ou expectativas nos corações diante dele. Então a luz eterna brilhará em vocês por todos os caminhos, visível para todos!

A decisão de amar, e não o medo do castigo, conduz ao Paraíso! Voltarão a encontrar-me na liberdade, porque só onde ninguém precisa de governar o amor é verdadeiramente incondicional. Si vis amari, ama!



O soldado mata, o carrasco executa, os juízes castigam. Todos agem por ordem alheia, mas são plenamente responsáveis pelos próprios atos!

Serás julgado pela mesma medida com que julgas os outros.

Quem tira algo a outro pela força depressa será também despojado, mesmo que cumpra ordens alheias!

O mal não se vence com a espada. Só o coração pode transformá-lo em bem!

Porque se diz «Geldschein»? Porque «Scheingeld» seria demasiado evidente! [Jogo de palavras alemão: Geldschein significa nota de dinheiro; Scheingeld sugere dinheiro apenas aparente ou fictício.]

A tua verdade é aquilo em que acreditas, mas o conhecimento baseia-se sempre na compreensão!

Quem venera o terreno não vê o grande todo.

Quem cria expectativas desilude-se; quem reconhece a ilusão vê a verdade.

Foste criado pelo espírito puro, a partir da água.

O reino de Deus está dentro de ti. Levanta uma pedra e encontrar-me-ás; parte um pedaço de madeira e estarei lá. Mas nunca me experimentarás verdadeiramente entre as paredes de palácios magníficos.

Um viajante encontrou Jesus e perguntou: «Que devo fazer?». Respondeu: «Se queres ser como eu porque sabes que somos iguais, ajudar-te-ei. Caso contrário esperarei, porque um dia também tu te reconhecerás».

A verdadeira compreensão nasce quase sempre de um erro!

Deus não nos expulsou do Paraíso: nós expulsámos Deus!



Adenda

Procurar constantemente ver tudo como realmente é pode tornar-se cansativo e frustrante. Mas é também extremamente interessante, enriquecedor, esclarecedor e libertador.

Porque tantas pessoas se alegram com flores acabadas de cortar? Na jarra não estão apenas a murchar: estão a morrer! Porque colocamos presentes de Natal para quem amamos debaixo de uma árvore abatida?

A bandeira europeia mostra doze pentagramas preenchidos como estrelas. Schiller escreveu a letra do seu hino, a «Ode à Alegria», como poema encomendado

por Christian Gottfried Körner para a mesa da loja maçónica «Zu den drei Schwertern», em Dresden. Os mesmos pentagramas aparecem na bandeira americana, com sete faixas vermelhas e seis brancas pelos treze estados fundadores.

O maior edifício interligado do mundo alberga o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A sua forma pentagonal corresponde ao contorno exterior de um pentagrama.

O pentagrama é um dos símbolos mais usados. Está quase por todo o lado: bandeiras, equipamento e vestuário militar, até decorações de Natal.

Diz-se que Jesus teve doze discípulos; o ano tem doze meses.

Sessenta segundos, sessenta minutos e doze horas: assim medimos o tempo. O eixo do relógio, em torno do qual giram os ponteiros, simboliza o treze, centro de toda a existência.

Deus criou o mundo em seis dias e quis descansar ao sétimo. Hoje deves seguir esse exemplo a cada nova semana.

Jesus alimentou-os com cinco pães e dois peixes; o ano tem cinquenta e duas semanas.

Diz-se que morreu aos trinta e três anos; a cada trinta e três anos podemos ver a «lua de sangue» no céu.

Hórus era o deus solar egípcio e nasceu a 25 de dezembro da virgem Ísis. Uma estrela a oriente acompanhou o

nascimento, seguida de três «reis», outras estrelas, que levavam presentes ao recém-nascido. Mais tarde teve doze discípulos que o acompanhavam. Curou doentes, caminhou sobre a água e realizou outros prodígios. Traído por um adversário, foi crucificado e ressuscitou ao terceiro dia.

O mesmo se lê sobre Átis, Krishna, Dioniso, Mitra e inúmeros deuses das civilizações da nossa história.

Porque surge tantas vezes este mito de um redentor da humanidade, em versões quase idênticas?

A oriente podes observar Sírio, a estrela mais brilhante do céu noturno. A 24 de dezembro forma uma linha com as três estrelas mais brilhantes de Órion, os «três reis». Prolongada a 25 de dezembro, a linha aponta onde o sol volta a nascer após ficar «parado» três dias, sem avançar para sul.

Descrevem-se aqui apenas os solstícios de inverno e de verão.

Os doze signos do zodíaco percorrem o céu durante o ano com o sol, o décimo terceiro. Quase todas as religiões assentam mitologicamente nisso. Junto ao mar, de manhã e à tarde, podes ver o sol caminhar sobre a água. É o nosso grande doador de vida e cura muitos doentes.

Usa-se o dinheiro para governar o mundo:

Um homem astuto chegou a uma aldeia e explicou como acabar facilmente com as disputas sobre o valor das coisas trocadas. Disse:

«Dou mil táleres a cada um. Pelo trabalho de fabricar e administrar o meu dinheiro cobro apenas dois por cento por cada novo ano». Aceitaram entusiasmados e mil habitantes sentiram-se ricos de repente.

Passou um ano. Alguns tinham dado todo o dinheiro a outros: uns estavam pobres, outros muito ricos.

Ricos ou pobres, todos deviam ao homem astuto os dois por cento do ano anterior. Ele criou mais vinte mil táleres para quem tinha a bolsa vazia. Em poucos anos tornou-se de longe o mais rico e tinha poder absoluto sobre os outros.

Chama-se a isto um sistema monetário baseado em dívida!

O nosso dinheiro funciona hoje exatamente assim. Mil euros na tua conta são simplesmente a dívida de outra pessoa. Os juros compostos fazem crescer exponencialmente os saldos e, portanto, as dívidas. Nunca são todas pagas: são continuamente redistribuídas!

Schuld/Schulden, Glaube/Gläubiger, Erlös/Erlösung: culpa/dívida, fé/credor, receita/redenção. Reconheces o caráter religioso destas palavras aparentadas em alemão? «Crédito» vem do latim credere, acreditar. Que deus adoramos todos realmente hoje?

A maioria raramente mostra o verdadeiro rosto, a sua natureza. Mudamos de máscara segundo a situação, por interesse ou medo. Esse engano necessário serve a convivência quotidiana. Pode ser natural, útil e justificável, mas continua a ser uma mentira chamada cortesia.

O mesmo acontece com coisas criadas para um fim que transmitem outra mensagem. Quem fuma determinada marca pode imaginar-se com amigos à volta da fogueira, a comer feijão com toucinho após um dia gratificante. Na realidade, o produto existe apenas para dar dinheiro ao criador. Assim é grande parte do que criamos. O motivo é sempre decisivo.

A sociedade muda continuamente e muitos sentem-se ultrapassados. Nada parece seguro por muito tempo, criando incerteza. Há milénios o indivíduo se refugia na sua «concha», preocupado apenas em sobreviver; essa atitude alastra como um tumor pelo mundo. O desconhecido torna-se rival a vencer. É precisamente o que pretende a classe dominante: uma pessoa isolada é sempre fraca!

Falta-nos sobretudo recuperar o contacto com o que somos. Se nos vemos sempre como combatentes, esquecemos que cada um é um ser inteligente e igual aos demais, com uma profunda necessidade de relações sociais enriquecedoras: um ser humano!

Palavras e conselhos inteligentes, por si só, nunca mudaram verdadeiramente nada. Conta a experiência pessoal.

Conheces um lugar onde quase ninguém exibe um Rolex ou uma mala Louis Vuitton, onde as pessoas se encontram de igual para igual independentemente da classe e do estatuto, onde tudo parece mais colorido e há uma paz discreta? Encontra-lo, por exemplo, numa praia naturista.

Quem se compreende compreende melhor os outros. Não é por acaso que verstehen e Verständnis, compreender e compreensão pelos outros, estão relacionados em alemão. Tememos o desconhecido porque não sabemos interpretá-lo. Usamos roupa não apenas para proteção, mas muitas vezes por medo.

Quem organiza a vida em torno do medo não vive de verdade: sobrevive segundo interesses alheios. Pergunta sempre, sobretudo perante tradições antigas, acontecimentos mundiais ou alegadas verdades: Cui bono? Quem beneficia? Quem diabo lucra com o teu medo diário?

Gostemos ou não, a humanidade é um coletivo e todos os talentos imagináveis já existem. Cooperar faz mais do que sentido: beneficia diretamente cada pessoa, também a TI!

Quem mente constantemente a si mesmo e aceita ser enganado nunca é livre: continua escravo de alguém. Soma impostos diretos e indiretos, taxas e juros que pagas e pergunta: para quem trabalhas? Tem de ser assim para sempre? O escravo mais eficaz é aquele que se julga livre!

Um pequeno exercício de pensamento para terminar:

Todos os países, incluindo o nosso, possuem imensa riqueza em recursos naturais, terrenos, imóveis, estradas, florestas, rios e lagos. Em conjunto, valem biliões de euros.

Essa riqueza poderia sustentar a moeda nacional, dando-lhe um valor real e existente. O Estado emitiria dinheiro através do seu banco, sem pedir emprestado e, portanto, sem juros.

Sempre que trabalho, ideias, invenções e progresso criam algo novo, cresce também o valor da moeda nacional e surge mais dinheiro.

Construir uma estrada cria novo valor e, assim, dinheiro. O seu valor é muitas vezes superior ao custo da construção. Quando algo antigo desaparece, como uma ponte degradada que se demole, desaparece também o valor e diminui a quantidade de dinheiro.

Cria-se um ciclo de nascimento e desaparecimento segundo a natureza. A economia já não tem de crescer ao ritmo de juros cada vez maiores, mas acompanha as necessidades naturais.

Só um Estado que administra o seu dinheiro é soberano, e também o são os seus cidadãos!

Se queres drenar um pântano, não perguntes aos crocodilos!